

A NEGRA NO FUTEBOL BRASILEIRO

Mariane da Silva Pisani¹

INTRODUÇÃO

O livro do cronista e jornalista Mário Rodrigues Filho, intitulado “O negro no Futebol Brasileiro”, realizou na década de 1960 um resgate de histórias e relatos sobre a consolidação do homem negro nessa prática esportiva. Ainda que o conteúdo desse paper apresentado seja diferente daquele que nos traz o jornalista Mário Rodrigues Filho, o título desse trabalho busca resgatar algumas observações etnográficas realizadas na cidade de São Paulo entre os anos de 2013 a 2016.

As observações etnográficas aqui apresentadas foram realizadas no trabalho de campo que resultou a tese de Doutorado intitulada: “‘Sou feita de chuva, sol e barro’: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo”. Esta tese, teve como objetivo compreender como os Marcadores Sociais da Diferença – descritos enquanto as categorias analíticas de gênero, raça, sexualidade e classe - permeavam a prática futebolística de mulheres na cidade de São Paulo, orientando a construção de corpos e tornando possível a construção de redes diversas de afetividade entre elas.

Sabe-se que no Brasil, até meados da década de 1970, as mulheres não podiam participar de determinadas modalidades esportivas e a primeira pesquisa sobre mulheres e esporte é do início da década de 1990. Contudo, fala-se da mulher enquanto categoria essencializada, ou seja, não se pensa com especificidade no lugar da mulher negra dentro do ambiente esportivo. É preciso recorrer aos registros de algumas competições, para se ter uma ideia, mesmo que superficial, da trajetória de mulheres negras no esporte brasileiro. Esse paper insere-se nessa lacuna das produções das Ciências Sociais e objetiva, portanto, pensar o lugar da mulher negra no espaço esportivo brasileiro, especificamente na prática futebolística.

¹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo – marianepisani@gmail.com

RAÇA ENQUANTO CATEGORIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Autores como Peter Fry², Lilia Schwarcz³ e Kabenguele Munanga⁴ nos falam que a origem do termo raça, como conhecemos hoje, foi consolidado no final do século 18 e início do século 19 com o racismo científico. Aos autores resgatam – ao longo de diversos trabalhos - como Arthur Gobineau propôs a existência de três raças: branca (caucasiana), negra (negroide) e amarela (mongoloides). Para Gobineau os brancos seriam superiores em termos de inteligência, moral e força de vontade; já os negros e amarelos seriam inferiores, amorais e instáveis emocionalmente. O racismo científico foi uma corrente teórica que justificou o imperialismo e o colonialismo europeu, uma vez que se acreditava que haveria superioridade entre raças.

Nas Ciências Sociais o conceito de raça foi superado na medida em que se sabe que não existem separações estanques entre pessoas que não pertencem aos mesmos “grupos raciais”. Mesmo tendo sido superado, o conceito de raça ainda é utilizado por autores das Ciências Sociais uma vez que o racismo, a violência e a discriminação racial – ainda existentes na sociedade brasileira - apoiam-se na noção de raça. Segundo Nogueira, Felipe e Teruya (2008)⁵, o uso da categoria “raça” pode ser encarada atualmente como uma forma de posicionamento político para informar e salientar determinadas características físicas como a cor da pele ou mesmo o tipo de cabelo. Essas características por sua vez interferem e até determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. Assim, “o conceito de raça ao ser usado com conotação política permite, por exemplo, aos negros valorizar as características que os diferem das outras populações e romper com as teorias raciais que foram formuladas no século XIX e até hoje permeiam o imaginário popular” (NOGUEIRA, FELIPE, TERUYA, 2008, p. 4). Assim, compreendida como construção histórica e cultural, a categoria raça pode ser usada enquanto instrumento político de afirmação de identidade.

² FRY, Peter. A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 350 p.

³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil — 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁴ MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03

⁵ NOGUEIRA, J. K.; FELIPE, D. A.; TERUYA, T. K. Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

ESPORTE, FUTEBOL E RAÇA NO BRASIL

Até meados da década de 1920, o futebol no Brasil era considerado esporte de elite, nos quais apenas os homens brancos poderiam jogar. Foi somente no ano de 1930, portanto, que os primeiros negros começaram a participar – enquanto jogadores – de jogos de futebol. Nessa época, discursos apresentavam as diferenças de jogar, bem como os sentidos do futebol para homens negros e homens brancos. As concepções à época explicitavam que os homens brancos seriam essencialmente superiores em suas capacidades cognitivas e ao participarem dos jogos de futebol faziam-no por lazer, fidalguia, noções de cavalheirismo e *fair play* (RODRIGUES FILHO, 1964)⁶. Ou seja, o futebol era compreendido como um espaço de construção de uma masculinidade intelectual e aristocrática.

Já os homens negros, por sua vez, eram compreendidos à época enquanto detentores de força física e agressividades naturais – consideradas herança do trabalho escravo no período colonial (OGLESBY, 1981, p. 16)⁷ – que poderiam ser aplicadas nas práticas esportivas mediante pagamento. O futebol, para eles, era considerado um momento para o emprego adequado de sua força e agressividade, ou seja, a prática esportiva do futebol era o *locus* para a construção e conformação de uma masculinidade agressiva, mas controlada e servil (RODRIGUES FILHO, 1964).

O primeiro negro a ficar famoso e a se tornar um ídolo do futebol brasileiro foi Artur Friedenreich – filho de uma lavadeira negra e um imigrante alemão. Friedenreich, com seu gol, levou o Brasil à vitória contra o Uruguai na final de 1919. O jogador chegou a “ganhar” um choro em sua homenagem: "Um a Zero", de Benedito Lacerda, Pixinguinha e Nelson Ângelo. Outro jogador brasileiro que se destacou nessa época foi Leônidas, o Diamante Negro. Ele se tornou o expoente das contradições de uma sociedade na época em que a aceitação do negro no futebol passava por rápidas e conturbadas mudanças.

Leônidas era um jogador que todos os clubes queriam em seu time, talvez à exceção do Fluminense, que mantinha sua política antinegros no time. Porém, ao mesmo tempo em que era desejado por todos os times, por seu excepcional desempenho no futebol, Leônidas era perseguido por torcedores e jornalistas da época, em virtude de um

⁶ RODRIGUES FILHO, M. O negro no futebol brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoria Civilização Brasileira S.A., 1964.

⁷ OGLESBY, C. A. Myths and realities of black women in sport. In: GREEN, T. S.; OGLESBY, C. A.; ALEXANDER, A.; FRANKE, N. (Ed.). Black Women in Sport Foundation. Reston: Aahperd Publications, 1981. p. 1–18.

fato envolvendo o roubo de um colar de contas. A culpa, é claro, recaiu sobre Leônidas, o negro. Sempre que o jogador entrava em campo para jogar, os torcedores da arquibancada começavam a perguntar para o jogador onde estava o colar, ao que Leônidas reagia com raiva dentro de campo (RODRIGUES FILHO, 1964).

Ao descrever de quais maneiras a mulher negra se inseriu na sociedade brasileira a partir da década de 1950, Gonzales estabelece o que ela chama de soma de opressões entre gênero, raça e classe. “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objetivo de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais alto nível de opressão (...) onde sofrem um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da ‘inferioridade’” (GONZALEZ, 2016, p. 408)⁸. Concretamente, no que tange a essa tripla opressão e discriminação, podemos averiguar nos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)⁹ que 60% das mulheres assassinadas no Brasil entre os anos de 2011 e 2012 eram negras; e que são as mulheres jovens, negras e pobres as que mais sofrem com a violência doméstica e familiar (SENADO NOTÍCIAS, 2013)¹⁰.

No campo das práticas esportivas, é preciso recorrer aos registros de algumas competições, como, por exemplo, os Jogos Olímpicos, para se ter uma ideia, mesmo que superficial, da trajetória de mulheres negras no esporte brasileiro. No ano de 1948, Melânia Luz¹¹ foi a primeira mulher negra a representar o Brasil em um jogo olímpico. Praticante do salto em distância e da corrida, ela disputou as Olimpíadas de Londres daquele ano e bateu o recorde sulamericano no revezamento 4x100, ao lado de outras mulheres brasileiras. Doze anos depois, no ano de 1960, a paulistana Wanda dos Santos, segunda mulher negra brasileira a participar da competição, embarcava junto com a delegação brasileira para os Jogos Olímpicos de Roma. Apenas ela, entre 81 atletas naquela delegação, era mulher; ela disputou os 80 metros com barreiras. Quatro anos depois, no ano de 1964, Aida dos Santos¹² conquistaria

⁸ GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, C.; BORGES, L.; RAMOS, T. R. O. (Ed.). Problemas de Gênero. 1. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 399–416.

⁹ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/21/negras-sao-asvitas-de-mais-de-60-dos-assassinatos-de-mulheres-no-pais>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

¹⁰ SENADO NOTÍCIAS. Negras são vítimas de mais de 60% dos assassinatos de mulheres no país. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/21/negras-sao-asvitas-de-mais-de-60-dos-assassinatos-de-mulheres-no-pais>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

¹¹ Disponível em: <http://www.justicadesaia.com.br/melania-luz-a-primeira-mulher-negra-na-historia-arepresentar-o-brasil-em-uma-olimpiada>. Acesso em: 24 nov. 2017.

¹² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/aida-dos-santos-mulher-que-podio-naopode-suportar-1852831>

o 4º lugar no salto em altura nos Jogos Olímpicos de Tóquio (JORNAL O GLOBO, 2016)¹³.

Atualmente, Marta (futebol), Fabiana Claudino (vôlei), Fofão (vôlei), Érika Cristina de Souza (basquete), Karen Rocha (basquete), Maria Elizabeth Jorge (levantamento de peso), Daiane dos Santos (ginástica artística) e Rafaela Silva¹⁴ (judô) figuram entre mulheres negras brasileiras que possuem destaque em suas modalidades esportivas.

MULHERES JOGADORAS, RAÇA E MÍDIA

A reportagem de outubro de 1983, da Revista Placar, traz a reportagem intitulada “A bela e as feras” na qual as categorias de raça, sexualidade e gênero aparecem articuladas em uma sucessão de imagens e textos que revelam racismo e sexismo. Está clara na linha editorial da Revista que a bela do futebol é uma mulher branca – que aparece retratada em fotografias coloridas, trajando biquíni, sorrindo e segurando uma flor - e que as feras são as mulheres negras – fotografadas em retratos preto e branco, sérias e de cabelos curtos (REVISTA PLACAR, 1983)¹⁵. “Esses dois tipos de futebolistas – ‘belas’ e ‘feras’ – são colocados em oposição pela narrativa jornalística. Enquanto as primeiras trazem consigo todas as características necessárias ao padrão atribuído pela imprensa a uma boa futebolista (...) as outras são pensadas como demasiadamente violentas para estarem em campo” (SOARES DE ALMEIDA, 2016, p. 108)¹⁶.

¹³ JORNAL O GLOBO. Aida dos Santos, a mulher que o pódio não pôde suportar. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/aidados-santos-mulher-que-podio-nao-pode-suportar-18528315>>. Acesso em: 24 nov. 2017a.

¹⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470695638_790195.html. Acesso em: 24 nov.2017.

¹⁵ REVISTA PLACAR. A Bela... e as Feras. Revista Placar, p. 48–50, out. 1983. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=wUk27LXg1jEC>>. 239 Acesso em: 6 out. 2017.

¹⁶ SOARES DE ALMEIDA, C. Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106921?show=full>>. Acesso em: 2 set. 2017.



Figura 1 - A Bela... e as Feras (REVISTA PLACAR, 1983).

Outros elementos ainda nos levam a pensar sobre as relações étnicoraciais, bem como sobre a questão racial que se descortina a partir da reportagem supracitada. Ao descrever uma partida entre os times de futebol de mulheres da cidade do Rio de Janeiro, na qual o Radar venceu o Bangu por 1 a 0; o técnico Castor de Andrade e as jogadoras do Bangu agrediram física e verbalmente o juiz por conta de um pênalti não marcado a favor do seu time – o que supostamente faria com que a partida terminasse empatada, caso a cobrança do pênalti configurasse gol. Segue transcrito o trecho final da matéria:

“Na semana passada, Castor e suas perigosas meninas receberam uma suspensão preventiva por 30 dias. Quem achar que foi pouco pode esperar pelo novo julgamento, marcado para esta terça-feira, dia 25. Mas sem muitas

esperanças. "Futebol é paixão", filosofa o eterno presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Otávio Pinto Guimarães. "E paixão é assim mesmo". Se isso pode prenunciar alguma absolvição, resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter - e que as feras voltem às jaulas" (REVISTA PLACAR, 1983).

No ano de 2012, ou seja, 29 anos depois, o mesmo discurso se repetiria com a então judoca negra Rafaela Silva. Na Olimpíada de Londres 2012, Rafaela Silva era esperança de medalha para o Brasil, contudo quando foi eliminada da competição, sofreu uma série de comentários racistas na rede social Twitter: "esse macaco deveria estar nas jaulas"¹⁷ ¹⁸(JORNAL O GLOBO, 2016)¹⁹.

ETNOGRAFIA: MULHERES FUTEBOLÍSTAS

A jogadora Dani possuía um jeito muito despojado e diferente das atletas do time em que jogava. Enquanto ela possui os cabelos curtos e trançados, bem como usava roupas largas e folgadas; as demais performatizavam uma identidade mais "feminina". Segundo Dani, "roupas masculinas e confortáveis, são melhores para preservar os meus movimentos".

Naquela tarde, o jogo aconteceu em um estádio com um gramado em ótimo estado de conservação e com arquibancadas para alocar a presença de possíveis torcedores e torcedoras. Como era de se esperar, as arquibancadas estavam parcialmente ocupadas, algo em torno de 30 espectadores. Para minha surpresa, além dos poucos familiares, amigos e amigas das jogadoras, vi alguns homens mais velhos com latinhas de cerveja nas mãos. Achei muito interessante a presença deles por ali e, sondei rapidamente as atletas, pois elas pareciam bastante animadas com a possibilidade de que outras pessoas estivessem interessadas na partida.

Assim que as jogadoras entraram em campo, os homens da arquibancada levantaram-se e aproximaram-se da grade que separava o campo da área de torcida. Compreendi que assistiriam ao jogo daquele espaço. O grupo de homens, visivelmente

¹⁷ Frase retirada de mensagens enviadas para Rafaela Silve através do Twitter, rede social que permite a troca de mensagens – de maneira pública – entre seus usuários.

¹⁸ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/em-2012-rafaela-silva-foi-vitima-deracismo-apos-desclassificacao-19877192>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

¹⁹ JORNAL O GLOBO. Em 2012, Rafaela Silva foi vítima de racismo após desclassificação. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/em-2012-rafaela-silva-foi-vitima-de-racismo-apos-desclassificacao-19877192>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

inflamados, aproximaram-se o máximo que podiam do campo de futebol e toda vez que Dani passava perto gritavam a ela: “Isso daí não é mulher! Nem peito essa porra tem!”; “Olha o cabelo desse macho! Raspa o pelo desse macaco!”. Por um momento, eu parei meu trabalho de observação, abaixei minha câmera e olhei, em um misto de choque e repulsa, para aqueles homens. Não sei como, mas Dani conseguiu manter a calma e a frieza diante da situação. Certamente ela já ouvira de tudo de dentro do campo, mas – aparentemente – não se deixou afetar por nenhum dos comentários, nem ao menos deu a entender que os havia escutado. A equipe ficou em segundo lugar naquela final, perdeu por 2x1, o único gol marcado por Dani. Nunca tive coragem de perguntar, depois do jogo, como ela havia se sentido naquele momento.

A historiadora Ane McClintock, ao estudar as mulheres negras no contexto colonial, nos aponta outra maneira de classificar a mulher negra: a besta. A bestialização dos corpos negros entra como uma possibilidade de análise²⁰. As mulheres negras ao transgredirem as fronteiras “entre o público e o privado, entre o trabalho e o lazer, entre o trabalho pago e o não pago, tornavam-se cada vez mais estigmatizadas como espécimes de regressão racial” (MCCLINTOCK, 2010, p. 75)²¹. Essas “transgressoras” deixavam então de habitar a história propriamente dita e eram percebidas como projetos incompletos de seres humanos e/ou como animais. Muitas foram taxadas de infantis, irracionais, regressivas e atávicas, existindo assim em um anacronismo permanente

²⁰ A bestialização do corpo da mulher negra remonta a outras épocas. O filme *Vênus Noire*, ambientado em meados do século XIX conta a história trajetória de Saartjie Baartman, uma mulher sul-africana da etnia hotentote – esta é mundialmente conhecida pelas medidas “desproporcionais” de suas mulheres. No filme, Saartjie deixa seu país com a promessa feita por Hendrick Cezar, irmão do seu patrão, de que na Inglaterra ela conseguiria emprego em um circo e isso lhe renderia muito dinheiro. Entre os anos 1810 e 1814, Saartjie viajou, sob a tutela e cuidados de Cezar, por todo território inglês exibindo seu corpo. Aos mais curiosos era oferecida, por uma pequena quantia em dinheiro, a oportunidade de passar a mão em seu corpo. No ano de 1814, Saartjie é vendida a um domador de animais francês e passa a viver em condições sub-humanas: encontrava-se sempre presa a coleiras e era constantemente enjaulada. Infelizmente, no ano de 1815, Saartjie falece em decorrência a uma infecção.

²¹ MCCLINTOCK, A. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.



Figura 2 - Dani em campo. Foto por Mariane da Silva Pisani, ano de 2013.

Ao longo da etnografia pudemos perceber ainda que as relações raciais entre as jogadoras etnografadas, às vezes, tinha um tom de jocosidade. Chamavam-se mutuamente de negrinhas; faziam piadas com os cabelos crespos, chamando-os de cabelo ruim; por vezes, o tom era sério e duro quando teciam comentários racistas dizendo “não se pode confiar em negro para fazer nenhum tipo de trabalho sério”. Sempre permaneci em silêncio durante esses momentos. Certa vez, uma jogadora afirmou para mim que possuía o cabelo ruim, apenas me limitei a dizer que cabelo crespo é lindo, que o meu era crespo e eu adorava. Ela riu e negou veementemente dizendo: “você fala assim porque o seu cabelo é crespo, mas é bom”. Ao meu cabelo crespo somavam-se outras características como por exemplo pele branca, olhos verdes, cabelos ruivos. Todas as atletas da equipe de Dani – com exceção dela - possuíam cabelos alisados e, além disso, tomavam muito cuidado antes de entrar em campo: passavam protetores solares fator 50 para não ficarem com a pele ainda mais escura.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Na década de 1980, encontramos numa revista de circulação nacional, sem o menor pudor, matérias esportivas que incitam ou ao menos lembram a prática humilhante de submeter mulheres negras, jogadoras de futebol, a um tratamento destinado aos animais. Pouco muda, entre os anos de 2013 e 2017, visto o tratamento ofensivo recebido pela jogadora Dani. Assim como Dani, muitas das mulheres negras da etnografia

continuam enfrentando uma série de violências cotidianas sobre seus corpos. Mesmo na relação entre elas, é possível ver como a violência atravessa seus corpos e a necessidade de “apagar” e/ou mesmo diminuir características que remontem ao fenótipo negro como, por exemplo: o formato dos cabelos, a cor mais escura da pele. Acredito que esse comportamento é fruto das violências vivenciadas no cotidiano, logo reproduzidas em suas relações pessoais.

Pode-se afirmar, portanto, que durante a etnografia no contexto esportivo, as mulheres negras são geralmente identificadas na chave da bestialização: feras, perigosas, macacos que deveriam estar em jaulas. Assim como as mulheres negras observadas por McClintock(2010) no período colonial, as jogadoras negras são rebaixadas ao protótipo humano anacrônico da infantilidade - perigosas meninas -, bem como têm seus corpos bestializados a partir de múltiplos discursos - e que as feras voltem às jaulas; raspa o pelo desse macaco. A exotização e a bestialização do corpo da mulher negra são práticas recorrentes na cultura ocidental, como pudemos ver aqui descrito.